

## **Reflexões sobre a situação dos guarani no Mato Grosso do Sul, Brasil.**

Friedl Paz Grünberg

### **1. Nota preliminar**

A sudoeste do Estado brasileiro Mato Grosso do Sul (MS), fronteira com o Paraguai, estão estabelecidos dois dos três sub-grupos Guarani da região centro-sul da América do Sul: os Paĩ-Tavyterã, conhecidos na literatura brasileira como Kaiowá e os Ava-Guarani, também chamados, no Brasil e no Paraguai, de Nhandeva. A área de ocupação destes dois povos estende-se à parte oriental do Paraguai. Os Ava-Guarani também vivem no Estado brasileiro do Paraná. No lado brasileiro, a maior parte dos Paĩ -Tavyterã, aproximadamente 20.000, e dos Ava-Guarani, 8.000, vivem hoje no Mato Grosso do Sul, em 22 comunidades, oito reservas e 14 áreas demarcadas entre 1989 e 1994. A maior parte ocupa somente um total de 17.300 ha. das oito reservas citadas, que foram demarcadas no final dos anos 20. Uma pequena parte da população indígena continua vivendo como trabalhadores rurais nas áreas das suas comunidades tradicionais, as quais acabaram sendo adquiridas e ocupadas por grandes fazendeiros através de títulos de propriedade.

Nos últimos 20 anos a situação de vida, já muito precária, destes dois povos guarani no Mato Grosso do Sul (MS), piorou de maneira drástica, principalmente pelo aumento da violência interna. Apesar da sua situação ser difícil, os guarani muitas vezes não conseguem fazer com que os outros compreendam seus problemas e não fazem prevalecer o apoio ao qual tem direito nas leis nacionais vigentes, principalmente no que concerne ao tema da legalização de terras indígenas. Por isso, este trabalho visa fazer uma reflexão da situação atual dos guarani do MS, calcada principalmente na experiência pessoal da autora, na sua convivência e trabalho junto aos povos guarani no Paraguai e no Brasil no período de 1971 até os dias de hoje. O objetivo é estimular um entendimento mais amplo das dificuldades complexas e profundas contra as quais os guarani têm que lutar e pelas quais padecem cada vez mais.

## 2. A perda da floresta

No século XX, o destino dos guarani esteve marcado por perdas rápidas e profundas em vários setores essenciais da sua vida. Em primeiro lugar se encontra, sem sombras de dúvida, a perda da floresta como espaço vital. Perda esta que começou nos anos 30 do século passado, agravada nos anos 70 e 80, com o desmatamento de praticamente quase toda a floresta existente na sua área de ocupação.

**Karai Mingo**, um Ava-Guarani de **Pirajuy**, contou sobre sua juventude nos anos 60<sup>1</sup>. Cresceu órfão por parte de mãe – a qual morreu tão cedo que ele quase nem se lembra dela – e as diversas madrastas que teve não lhe proporcionaram um ambiente familiar de muita segurança e tranquilidade. Para reagir a essas condições de vida, decidiu tornar-se independente o quanto antes possível. Com 16 anos, sua decisão já estava muito amadurecida: conhecia a floresta, todos os animais e plantas, as técnicas de caça, as ervas medicinais e as áreas de coleta; sabia como construir uma casa e confeccionar objetos de uso geral. Sentia, portanto, que podia casar-se e cuidar de uma família: "eu conhecia a floresta, sabia como se vive dela e pensei que a floresta nunca deixaria de existir – que só existia a floresta".

O prejuízo advindo da perda da floresta vai muito além do componente econômico. Para os guarani a floresta com seus campos naturais era "tudo o que contava"<sup>2</sup>, era tudo o que conheciam do mundo, era o seu mundo. Domesticar a floresta com seus perigos era a oportunidade que tinham os homens para desenvolver sua personalidade e para obter prestígio. A comunicação vital com os animais e com os espíritos da floresta permitia-lhes desenvolver sua rica vida espiritual. Tudo isto está irremediavelmente perdido, pois com a perda da floresta, também se perdeu, quase ao mesmo tempo, os saberes a ela relacionados e a prática da convivência vital com as plantas e os animais. Como em todas as sociedades iletradas, só se conserva no coletivo dos guarani o conhecimento que fica guardado na memória de cada indivíduo e que pode ser mantido através da prática ativa. Ainda que o acesso a saberes também se dê através da intuição e da inspiração divina, o que ocorre geralmente por meio dos sonhos, necessita de referências concretas e uma oportunidade para poder ser ativado.

---

<sup>1</sup> Em conversa com Celso Aoki e com a autora, EAG, 1998.

O velho **Karai** Gervasio de **Takuapiry** se prepara para morrer<sup>3</sup>, "Deus ainda não me chamou", diz e recita canções religiosas, se supõe, para reforçar que é digno de Sua atenção. Nos intervalos repete sempre de forma comovente: "**Che aiko añónte ko yvyre**" – "estou sozinho neste mundo"–, mostrando o morro desolado atrás de si e conta: "Aquela floresta lá, chamamos de **ka'aguy rory** – "floresta da alegria", lá tinha uma casa grande onde cantávamos e dançávamos nossas orações durante toda a noite. O pessoal bebia somente chicha abençoada, nada de água, nem sequer um mate<sup>4</sup>. Só depois de ter esta imagem diante dos olhos é que compreendi o que queria dizer com suas palavras "estou sozinho neste mundo": Estava sozinho neste mundo da sua infância, mundo que lhe marcou e que lhe deu um molde para sua vida inteira. Ninguém mais em sua comunidade, todos mais jovens do que ele, dividia estas lembranças.

### 3. Expulsão das terras e destruição ecológica

O Tavyterã **Kuái**, João Montiel, vive na reserva Ramada a 33 anos e conta sobre sua juventude: "*Pueblito*, meu **tekoha**, minha aldeia, era uma floresta muito grande e era bom; tinha muitas espécies diferentes de animais selvagens. O fazendeiro dizia: 'esta casa não te pertence, aqui não é nenhuma reserva, a terra não pertence a vocês'. Eu já sabia muito bem e há muito tempo que aqui era nossa terra. 'Saíam daqui!', dizia, 'a terra não é de vocês, vão trabalhar na reserva indígena! E se não saírem daqui, vou matá-los a todos!' Meus pais estavam passando por uma situação muito ruim, o que podíamos fazer? Matamos e comemos todas as galinhas e porcos; não foi gostoso comer estes animais e nos preparamos para irmos embora".<sup>5</sup>

As primeiras oito reservas para os guarani foram demarcadas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) no início do século XX, cada uma delas medindo aproximadamente 2.300 ha. As demarcações foram feitas sem que se tivesse maiores conhecimentos sobre a população indígena e tinha o objetivo de liberar espaço para a colonização. Muitas famílias foram obrigadas a migrar para as minúsculas reservas, quase sempre sob muita pressão, ameaças e uso de

---

<sup>2</sup> Tomando como modelo a frase de Wittgenstein (*Tractatus*): "O mundo é tudo o que é o caso"

<sup>3</sup> Vídeo documentário de Friedl Grünberg, EAG, 1999.

<sup>4</sup> As etapas desta dieta são características de uma forma de vida muito tradicional e religiosa.

<sup>5</sup> Vídeo documentário de Celso Aoki, EAG, janeiro de 2002.

violência, e também com promessas da parte de duas missões religiosas<sup>6</sup>. Uma parte da população indígena tentou, como pôde, permanecer na sua área tradicional de assentamento, trabalhando, em geral, para o proprietário que adquiriu a posse de suas terras. Alguns permanecem nesta situação ainda hoje.

As atividades de desmatamento começaram a ser executadas de forma cada vez mais intensa nos anos 70 e 80 do século passado. O comércio de madeira foi a atividade mais importante, o grande negócio que hoje latifundiários e madeireiros desejariam possuir. Com exceção de plantios de milho e de soja, hoje em dia nesta região predomina a criação de gado bovino. Para isso foram semeadas, nas áreas desmatadas, os capins africanos do gênero *brachiária* para pasto, que é extremamente agressivo e se espalha facilmente sobre cada pedacinho livre de terra, e que se espalhou, também, sobre a superfície de cultivo dos guarani. É impossível dominar este tipo de capim sem o uso de tratores ou herbicidas. Quando ficam muito secos, depois do inverno – estação das secas –, acabam pegando fogo, muitas vezes propositadamente provocado, ou iniciado sem querer, com um simples toco de cigarro aceso jogado no chão. O fogo acaba se espalhando descontroladamente por quilômetros, e queimando os arbustos e os capins da vegetação nativa que ainda restam. Depois, com as chuvas, o capim africano se prolifera num verde ‘exuberante’ sobre o solo vermelho de laterito. A cada ano este capim vai invadindo novas superfícies e os últimos restos da flora nativa vão desaparecendo.

O movimento pela legalização das terras indígenas começou a ganhar forças no Brasil nos anos (19)80. Em 1988 os direitos dos povos indígenas foram fixados na Constituição. Os guarani conseguiram, apesar das imensas dificuldades, recuperar quatorze áreas desde o início deste movimento até os dias de hoje. Estas áreas são, em sua maioria, menores que aquelas das primeiras reservas e, em alguns casos, não há possibilidades de serem ocupadas efetivamente. Hoje, os guarani do MS, com uma população de aproximadamente 26.000 pessoas, vivem, de fato, numa estepe artificial de capim africano, em áreas que somam 40.400 ha. (isto não corresponde nem a 0,7% do seu território original<sup>7</sup>).

---

<sup>6</sup> Missão Kaiowá e Missão Indígena Pioneira Alemã (Deutsche Indianerpioniermission).

#### 4. Questões problemáticas das comunidades

É difícil compreender a situação dos guarani apenas a partir da posição de um observador externo. A imagem que costumamos ter de situações de catástrofes é de morte e destruição provocadas por confrontações militares, seguidas por uma fase de sofrimento, geralmente terrível, e depois por uma de reconstrução. No entanto, os guarani não chegaram a ter sua existência física ameaçada da maneira como ocorre freqüentemente numa guerra. Embora o uso da força e os assassinatos, utilizados como recursos para expulsá-los de suas terras, tenham se constituído, do ponto de vista deles, como uma situação de guerra. A maioria das mortes foram provocadas por epidemias<sup>8</sup>, especialmente a de tuberculose, cujo tratamento até hoje continua sendo insuficiente para eles.

Os guarani experimentaram um tipo de destruição que atingiu, primeiramente, seu mundo exterior, seu espaço vital e, conseqüentemente, uma grande parte de suas fontes de subsistência física e espiritual, seguida da perda de quase todo seu território. Embora geograficamente continuem a viver no seu território de assentamento tradicional, esta área já está quase totalmente devastada. Eles ficaram limitados a pequenos pedaços de terra dentro de seu território tradicional. Sua existência física só não esteve ameaçada na mesma proporção de vários outros povos indígenas que não existem mais, seja por causa de genocídio ou etnocídio, pelo fato dos guarani serem fortes, resistentes e por serem dotados de uma autoconsciência cultural muito marcante, permitindo-lhes continuar vivendo com uma identidade étnica guarani. Depois de algum tempo, concomitante à situação de agressão vivida, houve aumento da taxa de natalidade e o crescimento populacional; também, em grande parte, porque os métodos anticoncepcionais tradicionais já não funcionam mais<sup>9</sup>.

##### 4.1. As lideranças políticas

A vida nestas novas circunstâncias se complicou ainda mais para os guarani. Um exemplo disto é que a instituição tradicional da liderança política sofreu transformações radicais. Antigamente o chefe político era considerado mais um moderador paternal da vida da comunidade e, no melhor dos casos,

---

<sup>7</sup> Para comparar: 35.000 indígenas ocupam 10.811.000 ha. da parte superior do Rio Negro na região amazônica brasileira. Já em 1996 estavam concluídos os trabalhos de demarcação para este grande território.

<sup>8</sup> Doenças como sarampo, coqueluche, infecções gripais eram desconhecidas pelos guarani até os primeiros contatos e estes ainda não tinham anticorpos contra elas.

juntamente com sua mulher, um exemplo ético e religioso vivo para o grupo. Depois das demarcações das reservas, os líderes políticos, agora denominados de "capitão" e não mais de **mburuvicha** como antes, passaram a ser escolhidos a partir de suas habilidades de lidar com os órgãos públicos, principalmente com a Funai<sup>10</sup>, e também com as missões. Muitas vezes foram nomeados por funcionários desta fundação indigenista. Hoje em dia os rapazes bem jovens, que têm uma formação escolar acima da média do grupo e que podem expressar-se um pouco melhor em português, é que estão sendo escolhidos para esta posição. Mesmo quando eles falam em guarani, seu idioma já está tão misturado com palavras do contexto político, em português, que os mais velhos quase não podem entender seus discursos. Geralmente, além de carecerem de tempo para a mediação dos conflitos, também lhes faltam a competência indispensável e a autoridade necessária para isso.

Fora do seu grupo familiar, os guarani não gostavam de viver muito perto um do outro. Cada "aldeia" geralmente estava situada a algumas horas de distância uma da outra e as fronteiras das comunidades vizinhas estavam fixadas de maneira relativamente precisa. Uma unidade de aldeamento e seu território eram denominados de **tekoha** – "o lugar de nosso modo de ser e viver", e este lugar só podia ser utilizado pelos habitantes daquela aldeia. Algumas comunidades se relacionavam mais umas com as outras e se visitavam com mais frequência em ocasiões de festas profanas e religiosas, onde os jovens às vezes procuravam um parceiro para casamento. No mais, evitava-se o contato com outras aldeias que, inclusive, eram consideradas inimigas. O órgão indigenista e as missões, com absoluto desconhecimento desta situação, juntaram grupos distintos, muitas vezes antagônicos, numa mesma área insuficiente, o que, desde o princípio, levou a inúmeras tensões internas.

Estes fatores que provocaram mudanças traumáticas no espaço vital dos guarani, somados a pressão social exercida na reserva através de novas formas de ocupação imposta de fora e as transformações ocorridas na organização política que reduz cada vez mais o espaço para as soluções dos conflitos internos, constituem o fardo fundamental da vida pessoal e social. A maioria dos velhos, aqueles que viveram como crianças ou como jovens na casa grande<sup>11</sup>, e

---

<sup>9</sup> Grünberg, 1989.

<sup>10</sup> Fundação Nacional do Índio.

<sup>11</sup> Em guarani: **óga jekutu** ou **óga pysy**.

que dormiram em redes, não falam nada ou quase nada sobre a vida antes da expulsão de seus **tekoha**. As gerações mais jovens sabem das perdas sem, no entanto, ter uma noção concreta daquilo que foi perdido. É mais próximo da sensação de um vazio doloroso, sentimento proveniente de situações traumatizantes, também conhecidas por nossa sociedade. Em uma visita à comunidade **Cerro Marangatu**, um senhor de idade começou a recitar uma saudação muito tradicional e formal entre dois xamãs.<sup>12</sup> Ele me reconheceu do tempo de trabalho no Paraguai há 25 anos atrás e se lembrou que sempre estive muito interessada em suas tradições. O marido de sua neta sentado ao lado dele, estalava a língua e balançava sempre a cabeça: "que é isto?", perguntava irritado, ele nunca tinha ouvido coisa parecida.

Um dos fatores fundamentais da abrangência das mudanças ocorridas na situação dos guarani é a velocidade com a qual acontecem. Todas as culturas estão submetidas continuamente a processos de transformação e de adaptação, em algumas isto acontece num ritmo mais lento ou em áreas que quase nem percebemos. Por exemplo, os guarani, principalmente os do Paraguai, tiveram contatos diretos e indiretos com os colonizadores. Estes contatos produziram mudanças no seu idioma e eles usam muitas palavras incorporadas do espanhol que, em grande parte, foram guaranizadas. Eles integraram estímulos e informações de fora<sup>13</sup>, de maneira criativa, em sua visão do mundo e em sua mitologia; mudaram sua vestimenta e seus adornos e, desde muito tempo, começaram a utilizar instrumentos de ferro, o que certamente repercutiu intensamente na sua prática agrícola.

Dentro do prazo curto do século XX, no qual ocorreram modificações profundas nas condições de vida, os guarani não puderam desenvolver mecanismos sociais suficientemente efetivos que pudessem enfrentar a magnitude dos problemas com os quais se confrontam hoje em dia. Cada membro do grupo que, a uma ou até duas gerações passadas, era assistido por sua comunidade, agora tem que se virar sozinho com os problemas sociais e emocionais que enfrenta, sem nenhum tipo de preparação que lhe habilite a solucionar individualmente seus conflitos.

---

<sup>12</sup> Na presença de parte da comunidade da aldeia, de Celso Aoki e da autora, EAG 1999.

#### 4.2. A violência e o consumo de bebida alcoólica

O consumo de álcool e o aumento da violência são outros elementos, geralmente inter-relacionados, que afligem a vida social das comunidades. A bebida tradicional dos guarani é a *chicha*, um tipo de cerveja, que possui um teor alcoólico baixo, geralmente produzida à base de milho e também de mandioca e que em algumas regiões é misturada com suco de frutas. Os idosos e os doentes quase não bebiam a *chicha* em sua forma fermentada. Esta bebida só costumava ser consumida em festas para acompanhar os cantos e as danças religiosas e profanas, que duravam a noite inteira. Na saudação ritual do início da festa, os homens entregavam as suas armas e o anfitrião ou uma pessoa respeitada falava as palavras do ritual lembrando aos participantes da festa para não se tornarem agressivos e também para não iniciarem brigas. Claro que, às vezes, ocorriam conflitos e agressões, do contrário não teria sido preciso desenvolver medidas de precaução e de advertência; mas existiam também muitos mecanismos sociais para resolver, de maneira amistosa, as tensões surgidas.

Ainda antes da ocupação da região por brasileiros ou paraguaios, quando por volta do final do século XIX, se começou a extrair o mate com a ajuda do trabalho assalariado indígena, uma parte do pagamento era feita com bebida alcoólica – aguardente de cana-de-açúcar da pior qualidade. Os guarani, como aconteceu com muitos povos indígenas, começaram a se entregar ao consumo de álcool, em parte devido as suas condições físicas<sup>14</sup>, em parte por causa de suas crescentes dificuldades sociais. À exceção dos alcoólatras que sempre encontram um caminho para chegar à bebida, mesmo que seja o álcool medicinal com elevadíssimo teor alcoólico, parecia que os escassos recursos financeiros podiam funcionar como uma forma de limitar o consumo da bebida, ou seja, a falta de dinheiro para comprá-la funcionava como controle. Nos últimos 10, 20 anos, especialmente desde que os velhos recebem uma aposentadoria do Estado, esta "barreira" para adquirir a bebida caiu e o acesso passou a ser praticamente irrestrito. Além disso, a aguardente de cana local é extremamente barata. O único resultado da proibição da venda de bebidas

---

<sup>13</sup> Grünberg, 1995.

<sup>14</sup> O nível de tolerância de consumo alcoólico entre os povos indígenas é muito pequeno por causa de seu metabolismo se comparado, por exemplo, com os dos europeus e seus descendentes.

alcoólicas para índios que vigora no Brasil é que, às vezes, quando ocorre algum controle, os indígenas precisam pagar mais caro por elas.

Os mecanismos criados pelos guarani, para regulamentar o consumo da *chicha*, não valem se transferidos à outras bebidas alcoólicas, pois as bebidas dos brancos fazem parte de outra categoria, completamente distinta. A aguardente da cana pertence ao mundo dos "brancos"<sup>15</sup> que, segundo a maneira de pensar dos guarani, são os responsáveis por regular o seu consumo<sup>16</sup>. Os guarani não tinham o costume de controlar a quantidade de *chicha* consumida. A sua fabricação era dispendiosa e uma boa relação com as mulheres era pré-requisito para sua produção. Era considerado prestigioso servir um cocho grande e bem cheio de *chicha*, do qual se tomava até o amanhecer. Os intervalos entre uma festa e outra eram de algumas semanas. Hoje em dia, muitas vezes, a única maneira do embriagado parar de beber é quando a garrafa lhe cai das mãos.

Como em qualquer lugar do mundo, o consumo de álcool gera tensões adicionais no ambiente familiar, principalmente entre o casal. Mas o maior perigo para a comunidade está no fato de que quando há alcoolizados ocorre um aumento iminente da violência, muitas vezes com conseqüências fatais. Da mesma forma que acontece nas situações de conflitos cotidianos e de problemas relacionais e conjugais, os mecanismos normativos tradicionais sociais e religiosos importantes, mesmo depois de um assassinato ou homicídio, praticamente já não funcionam mais para recuperar a situação de equilíbrio.

Os Paĩ-Tavyterã do Paraguai explicaram diversas vezes em conversas sobre temas religiosos realizadas durante os anos 1970, que sabiam exatamente o caminho que percorreria a "alma espiritual"<sup>17</sup> de um Paĩ depois da sua morte e mencionavam os perigos que deviam ser superados por cada um, a fim de poder regressar ao seu verdadeiro lugar no paraíso celestial. A alma espiritual precisava comprovar sua coragem e pureza transpondo alguns obstáculos, como por exemplo: atravessar pedras escorregadias sem escorregar, conseguir passar sem ferimentos por entre duas pedras que se batiam constantemente uma contra a outra, ou por uma tempestade de areia e resistir a moscas gigantescas e assustadoras. Como última tarefa tinham que atravessar uma

---

<sup>15</sup> Em guarani, **karaikuéra**.

<sup>16</sup> Grünberg, 2003.

<sup>17</sup> Em guarani: **ñe'ẽ**.

ponte muito estreita sobre um precipício sem fundo. Esta ponte era uma cobra esticada. Meus interlocutores pareciam sempre muito lúcidos e tranqüilos quando contavam que as almas espirituais superam sempre a todos estes perigos sem prejuízos. Diziam que só em caso de um pecado mortal, quando um assassino não pagou por seu crime em vida, a serpente o enrola rapidamente e a alma espiritual cai no abismo. "Mas isto quase nunca acontece", tranqüilizavam, pois cada assassino procurava se esforçar para purificar novamente sua alma, com a ajuda de várias possibilidades desenvolvidas pela sua sociedade para este fim.

Naquela época, os Paĩ decidiram, por distintas razões, que, depois de um crime, primeiro entregariam o assassino para as autoridades judiciais paraguaias, por um período geral de dois a quatro anos. Depois disso, o criminoso poderia viver de forma restrita junto de sua família em alguma aldeia escolhida para este fim, numa espécie de prisão voluntária, a fim de poder convencer a comunidade da seriedade do seu esforço em obedecer às normas para se reincorporar totalmente na sua sociedade. Não podia encomendar sua própria plantação, porém tinha que executar trabalhos da comunidade e trabalhar na roça do dirigente político. Ele e a família inteira acabavam sendo sustentados por aquele. Na maioria das vezes, depois de uns dois anos começava um processo de purificação que levava em alguns casos, conhecidos por mim, a pessoa a adotar permanentemente uma vida religiosa intensa.

O sistema judiciário brasileiro permite que os crimes cometidos por indígenas dentro de seu próprio grupo sejam tratados de acordo com suas tradições. O que acontece é que esta punição tradicional dos guarani, em muitos casos, já não funciona mais. Especialmente nas reservas antigas, com suas atuais estruturas de assentamento heterogêneas, impostas de fora e com uma densidade populacional alta. Por isso, em muitos casos, os próprios guarani recorrem a justiça brasileira, mais mesmo assim, muitas vezes, um homicídio permanece impune, tanto no sistema judiciário brasileiro como no guarani. É principalmente esta 'impunidade', a falta de encontrar um novo equilíbrio entre o assassino e a sociedade e a ausência dos cuidados espirituais para com a alma espiritual, ñe'ẽ, que repercute como desmoralizante na comunidade guarani.

### 4.3 O fenômeno da epidemia do suicídio

Sem dúvida um dos sintomas mais chocantes da difícil situação dos guarani é a incidência crescente de suicídios, que começou a partir do final dos anos 1970. Desde 1981, os casos têm sido em boa parte documentados. Nos anos 1980, ocorreram de três a nove casos de suicídios por ano. Nos anos 1990, houve um salto de 23 (1993) para 56 casos (1995) anuais. Os 51 suicídios ocorridos no ano 2000 indicam uma porcentagem de 0,2% da população atingida, ou respectivamente 196 casos em cada 100.000<sup>18</sup>.

Os suicídios, em sua maioria, são realizados através de enforcamentos e a faixa etária mais atingida é entre 15 a 23 anos, com maior incidência entre homens do que entre mulheres, mais ou menos na proporção de 6:4. Das várias tentativas de explicação feitas por indigenistas e por cientistas, nenhuma é convincente ou pertinente a todos os casos ocorridos<sup>19</sup>. O mais provável é que as condições de vida precárias dos guarani sejam a base da explicação válida para todos, mas os fatores individuais desencadeantes podem variar muito. Presume-se que em muitos casos os conflitos não solucionados desempenham um papel relevante. Por isso, com a intenção de tentar esclarecer um pouco melhor este tema, pretendo expor algumas experiências de soluções de conflitos bem sucedidas, por mim presenciadas.

#### 4.3.1. Mecanismos tradicionais de soluções de conflitos

No início dos anos (19)70, eu e minha família tivemos a oportunidade de conviver durante meio ano em Consuelo'i, que mais tarde passou a se chamar **Tavamboae**, uma aldeia dos Paĩ-Tavyterã, no estado de Amambai, na parte leste do Paraguai. Já bastante pressionadas pelas expulsões de terra e padecendo de novas doenças, especialmente a tuberculose, as estruturas sociais e a organização política ainda continuavam se sustentando explicitamente nas normas básicas tradicionais. Impressionei-me muito com o tratamento atencioso, sensível e o convívio muito respeitoso dos moradores da aldeia. Pude presenciar como sempre se procurava manter, em diversas variações, um equilíbrio entre o respeito pela autonomia de cada um e os

---

<sup>18</sup> Todos os dados estatísticos a respeito dos suicídios dos guarani procedem de: Brand & Vietta 2001. Dados comparativos da Estatística da WHO: O índice médio mundial se encontra na faixa de 16 casos em cada 100.000 habitantes, a taxa de suicídios mais alta conhecida no mundo é de 71 casos em 100.000, ocorridos na Rússia Branca.

cuidados de uns para com os outros. Os Paĩ já não viviam mais na casa grande, mas os núcleos familiares componentes da grande família ainda continuavam morando um perto do outro. A vida se desenvolvia no público, quase não se podia manter segredos, cada um conhecia no outro seus pontos fortes e fracos, em todas as suas nuances.

Quase toda tarde eu ia com as mulheres lavar roupa no riacho e podia presenciar como em tais ocasiões se trocavam informações, discutiam-se problemas e conflitos e se tomavam decisões. Nenhum tema era considerado insignificante a ponto de não merecer ser dividido com as outras. Principalmente as mulheres mais jovens costumavam pedir à mulher do **mburuvicha** (o líder político) para que lhes ajudassem nas resoluções de conflitos com os maridos ou com outras mulheres. Os temas mais freqüentes eram: infidelidade conjugal ou pelo menos a suspeita dela. Criticava-se o marido quando se embebedava com o dinheiro das compras e não trazia para casa os alimentos pedidos ou quando roubava o dinheiro da mulher (se tratavam sempre de quantias muito pequenas). Se algum problema acabava não sendo suficientemente discutido ou resolvido no grupo de mulheres, então a mulher do líder político o levava a público nas assembléias noturnas da aldeia realizadas em frente de sua casa e o **mburuvicha** intervia como mediador. Nessas ocasiões usualmente as queixas não eram apresentadas diretamente nem se pronunciava uma sentença. Falava-se de maneira geral, sobre os bons costumes, em alguns casos recitava-se trechos adequados da mitologia, pois as divindades antepassadas, quando ainda viviam na terra, nos tempos míticos, também tiveram que lutar contra a inveja, o ciúme e as ofensas. Com muito cuidado se tentava evitar que o 'acusado' ou a pessoa criticada acabassem humilhadas. Nos conflitos maiores se ouvia sempre comentários mais excitados, mas as pessoas diretamente envolvidas sempre se comportavam de forma muito serena nestas ocasiões. Minha impressão era que a comunidade expressava os sentimentos dos atingidos para que, desta maneira, esses tivessem mais condições de se manter em equilíbrio, o que é o almejado pelos guarani.

Só teve uma vez que presenciei uma mulher que apresentou uma queixa publicamente com raiva e em voz alta. Sua neta mais nova era órfã e um homem da aldeia conhecido por suas conquistas a seduziu: "Qualquer um pode subir em

---

<sup>19</sup> Por exemplo: Brand 1996; CIMI-MS 1998; Grünberg, Georg 1991; Levcovitz 1998; Meliá 1994, 1995;

cima de minha neta só porque ela é órfã?", gritava furiosa, "a aldeia inteira não tem a responsabilidade de protegê-la?" Com isso ela expressava o código moral dos guarani de maneira clara e nítida: dentro do grupo, cada um era responsável pelo outro e a maioria cumpria com esta responsabilidade – algumas vezes com uma incrível paciência. Por exemplo, na aldeia vivia um par de irmãos. O mais jovem deles, que na época tinha quase trinta anos, toda vez que encontrava seu irmão mais velho tinha um ataque de cólera, aparentemente incontrolável, e tentava se arremessar contra ele. A cada vez, as pessoas por perto dele o seguravam suavemente e tentavam acalmá-lo. Quando em 1988, depois de quinze anos eu voltei à visitar a aldeia, esta cena se repetiu. Assombrada, perguntei para minha vizinha daquela época: "continua?" "Sim, continua", foi a resposta tranqüila dela.

Desde o século XIX até meados do XX, uma comunidade tradicional de uma aldeia consistia-se de uma grande família extensa - avós com filhos e netos casados – e alguns parentes mais distantes, em média umas 100 pessoas<sup>20</sup>. Cada indivíduo podia estar seguro de que em épocas de necessidade ia receber o apoio necessário. Ao nível material, isto estava assegurado através de regras de distribuição<sup>21</sup> e ao nível psicológico através da certeza de encontrar sempre alguém à disposição, a qualquer hora para discutir seus problemas e de receber uma ajuda para a solução de suas dificuldades pessoais a partir da sua solicitação. Enquanto não se percebia que a pessoa queria apoio, sua esfera privada era respeitada.

Os esforços da comunidade para manter um equilíbrio constante aliados aos propósitos morais, obedeciam também a interesses muito concretos. Os guarani são da opinião de que a maior parte das doenças surgem de um equilíbrio perturbado, seja esta perturbação proveniente da relação entre os membros de um grupo ou na relação deles "com os céus", como eles costumam dizer: – na sua relação com os seres divinos e com os espíritos protetores. Se existe alguma má conduta ou alguma falha na relação de um indivíduo, o grupo todo se sente ameaçado e está interessado em reintegrar quem causou o desequilíbrio, de maneira que conjuntamente possam retornar a se sentir bem novamente.

---

Wicker, 1996

<sup>20</sup> Conversa com Beate Lehner 2000.

Uma das funções tradicionais mais importantes de um líder político é a mediação de conflitos na comunidade da aldeia. Ocorre freqüentemente que ele pessoalmente nem intervenha ativamente no processo de conciliação. A comunidade pode se tornar ativa tão logo ele tenha tomado, formalmente, conhecimento do conflito. Algumas vezes delega a tarefa de conciliação para pessoas que possuem talento especial para isto ou que são reconhecidas como autoridade nas questões relevantes do conflito. Mas em todos os casos o dirigente tem a responsabilidade formal.

#### 4.2.2. Os suicídios

Na tentativa de reconstruir alguns antecedentes de suicídios, nos deparamos com uma situação que se repete, que é a procura infrutífera por ajuda numa situação de conflito interior ou exterior. Muitas vezes o dirigente político chegou a ser procurado por um suicida em potencial, já era tarde da noite e este não fora achado, ou não estava disposto para conversar ou estava embriagado<sup>22</sup>. Outras vezes já não existia mais uma relação de confiança adequada para esperar que se obtivesse dele a ajuda necessitada. No mais das vezes, esta pessoa aflita temia ser humilhada com o conflito tornado público.

Nos tempos de vida tradicional da aldeia tais conflitos geralmente não eram grandes tragédias fora do comum e continua sendo assim até hoje. A maioria deles trata-se de problemas interpessoais (familiares, entre amigos ou na relação homem-mulher) ou momentos de depressão que constituem a fase inicial de ciclos negativos. A experiência de não receber nenhum apoio, em uma sociedade na qual a sua exigência é legítima, acaba resultando num desamparo, numa solidão. Sensações de abandono parecem formar a base do desespero e também da raiva ao grupo que levam ao suicídio. Além disso, provavelmente, estas pessoas desesperadas tinham consciência, umas mais, outras menos, de que assim poderiam conseguir a atenção que, em vida, não puderam ter.

O suicídio é um dos fenômenos mundialmente conhecidos por possuir um caráter "contagante". Isto significa que, para um suicida em potencial, a notícia de um suicídio pode seduzir facilmente à sua imitação, principalmente quando é noticiado de maneira sensacionalista ou muito emocional. É possível constatar

---

<sup>21</sup> A caça era repartida igualmente com todos. Geralmente cada vez que se chegava da plantação já se repartia a colheita e algumas vezes se repartia a refeição já cozida.

<sup>22</sup> Ver também Azevedo, 1991

um aumento do número de suicídios entre os guarani como consequência do aumento publicitário sobre este tema, principalmente devido a reportagens geralmente veiculadas com pouca seriedade pela imprensa local. Além disso, eles passam a perceber que podem estimular o interesse público com isso, algo que não conseguem de outra maneira, apesar da sua situação difícil e das suas reivindicações legítimas. As mocinhas começam a exaltar-se com o suicídio assim que entram na adolescência<sup>23</sup> e, em alguns casos, acabam-no efetivando.

Como já ocorreu diversas vezes, tanto pessoas isoladas, como em grupo, ameaçam suicidar-se. São tanto provocadas por iniciativa própria, como incentivadas de fora, no intuito de conseguir realizar certos interesses, sejam eles legítimos ou não. Em 1995, durante o longo processo de luta para ocupar efetivamente uma área já identificada e demarcada para o grupo de **Jaguapire**, este grupo ameaçou cometer o suicídio coletivo, seguindo a recomendação de um funcionário da Funai. Mesmo que este funcionário tenha se lamentado posteriormente por ter dado um conselho de visão tão curta, a partir de então ameaças semelhantes passaram a ocorrer freqüentemente. Como último exemplo, há o caso da comunidade de **Cerro Marangatu** que, no início de 2002, tentou impedir a execução de uma decisão judicial de desalojamento com a ameaça de suicídio coletivo. A partir da identificação da área da comunidade em 8.000 ha. ocorrida em 1999, o grupo ocupa provisoriamente uma área precária de 30 ha. Mesmo que tais ameaças de suicídio coletivo não tenham se efetivado até agora, acabaram contribuindo para criar um círculo vicioso de suicídios, já que causam a impressão, entre os jovens mais instáveis, de que isso poderia ser uma prática política significativa.

De acordo com as tradições dos guarani, especialmente as crianças e os jovens devem ser preservados ou mantidos longe das ocorrências de suicídio, deve-se evitar que ouçam o que é conversado sobre o assunto e não devem ver os mortos, porque tudo isto aumenta o perigo de contágio, devido a motivos espirituais. Uma publicação sobre este tema<sup>24</sup>, com a foto de um garoto na capa, foi distribuída nas aldeias por uma instituição que atua entre os guarani. Geralmente só as crianças sabem ler, a maioria dos adultos ou ainda não aprendeu ou, por falta de exercício, acabou esquecendo. Este material nas mãos de crianças, para quem a simples visão daquele garoto bonito na capa,

---

<sup>23</sup> Informação de Miriam Aoki, 2000.

adornado com plumas, convida a uma identificação, é só um dos inúmeros exemplos do desconhecimento existente acerca dos valores culturais dos guarani, mesmo entre as organizações de cooperação ou entre os funcionários dos órgãos públicos. A instrumentalização política do fenômeno doloroso da epidemia de suicídios é mais um capítulo repulsivo da história recente desse povo.

Parece que o fenômeno do contágio do suicídio está fortemente cunhado entre os guarani, enfatizado por um fator cultural. Segundo a visão de mundo deles, a alma do corpo **ãngue** de uma pessoa falecida<sup>25</sup> se dirige até os parentes mais próximos e aos amigos para despertar-lhes o desejo de morrer e para "levá-los para junto de si". A alma **ãngue** do morto espera que possa suportar melhor a solidão e a desorientação da difícil transição entre a vida e a completa dissolução após a morte – o que leva algum tempo para ser realizada – na companhia de um parente falecido. Por isso, tradicionalmente, os familiares mais próximos de um morto costumam abandonar a casa onde moravam juntos por um período de até um ano. Muitas vezes a casa era também queimada, prática esta quase impossível de ser realizada hoje em dia por causa das condições de vida precárias. Em alguns casos, documentados principalmente no Paraguai<sup>26</sup>, embora tivessem procurado a distância necessária, os parentes não puderam evitar o contágio. Algumas vezes, no espaço de um ano, mataram-se, em série, até seis parentes ou amigos da primeira vítima.

A maior parte dos que tentam o suicídio é salva a tempo. Em muitos casos, as pessoas socorridas não conseguem se lembrar do ocorrido e lhes custa muito acreditar que tenham realmente tentado se matar<sup>27</sup>. Uma jovem de 17 anos foi acolhida por sua tia depois de ter ficado órfã. No prazo de poucos meses ela tentou se suicidar por duas vezes e foi salva em ambas. Algum tempo depois da segunda tentativa, ela chegou em casa e perguntou: "tia, é verdade o que dizem, que tentei matar-me?"<sup>28</sup>. O fato de que a tentativa de suicídio é em boa parte inconsciente é mais um elemento peculiar que dificulta lidar e compreender este fenômeno, tanto por parte dos atingidos como também dos que estão de fora.

---

<sup>24</sup> CIMI- MS: Por que os Guarani e Kaiowá se suicidam? Campo Grande, 1998.

<sup>25</sup> Em guarani, a "alma do corpo" dos vivos se chama **ã**, e aquela dos mortos: **ãngue**.

<sup>26</sup> Grünberg, 1989.

<sup>27</sup> Wicker, 1996.

<sup>28</sup> Informação de Celso Aoki, EAG 2000.

Na cultura dos guarani não existe tradição do suicídio. Algumas pessoas mais velhas falam que antigamente devem ter ocorrido casos isolados e muito raros. De todo o rico material histórico existente sobre os guarani, até agora só se conseguiu encontrar um dado do séc. XVII<sup>29</sup> relativo ao assunto. Fortes indícios levam a crer que existe um tabu muito rígido no sistema de valores dos guarani com relação ao suicídio e que as rezas pertinentes a este tema não são destinadas aos ouvidos de um observador externo<sup>30</sup>. Enquanto não for possível fornecer algum tipo de ajuda "externa" realmente eficiente para solucionar o fenômeno, talvez fosse mais aconselhável um acompanhamento distanciado e respeitoso deste tema, preferível a um tratamento não suficientemente qualificado. Pelo menos evitaria-se uma sobrecarga adicional da situação, provocada por projeções feitas de fora e de intervenções inadequadas.

Em meados dos anos (19)90 no Paraguai, os Paĩ-Tavyterã conseguiram interromper o ciclo epidêmico de suicídios através da aplicação dos seus próprios métodos sócio-religiosos. Atualmente acontecem apenas alguns casos isolados, cujos contextos podem ser vistos, em geral, como uma situação inquestionável de irregularidade social. Os guarani do Paraguai foram um pouco menos expostos a processos destrutivos do que seus parentes do Brasil; por este motivo parece que seus mecanismos de regulamentação social, principalmente as terapias espirituais, puderam continuar sendo suficientemente efetivas. Mas isto mostra também que, em princípio, continua existindo na sua cultura a noção de cura desta doença que causa tanto distúrbio nos vivos.

## 5. A situação econômica

"Nós não temos mais nenhuma floresta e também não temos mais as denominações tradicionais da floresta<sup>31</sup>. Antigamente conhecíamos os pássaros, as ervas medicinais e sabíamos como se caçava. Agora tudo acabou, não existe mais a floresta, os brancos mataram tudo. Eles acabaram com tudo e não nos dão nada deles de graça e ainda temos que comprar". Estas palavras fazem parte do balanço de vida feito por Cecílio Vera, um ava-guarani, ex-líder político do **Pirajuy**<sup>32</sup>.

<sup>29</sup> Meliá, 1995.

<sup>30</sup> Wicker, 1996.

<sup>31</sup> **Ka'aguy réra** – o nome espiritual dos Ava-Guarani, a maioria proveniente de um animal ou de uma planta.

<sup>32</sup> Documentário em vídeo de Celso Aoki, EAG, dezembro de 2001.

Da base econômica tradicional só se mantém, e ainda assim em escala diminuta, restos da agricultura tradicional. O sistema tradicional de cultivo que utilizavam, de rodízio e coivara, caracterizado por um período longo de regeneração para o solo não é mais possível. As áreas disponíveis existentes são pequenas demais, principalmente nas reservas antigas, e cada pedaço de terra que fica em desuso, acaba sendo coberto pela brachiária, capim africano introduzido no Brasil, bastante rústico, adaptado e competitivo. Não existem formas definitivas e eficientes para seu controle. Os programas agrícolas da Funai e de outros órgãos governamentais colocam parcialmente à disposição tratores, porém na maioria das vezes uma parte dos custos precisa ser captada pela comunidade. Além disso, o uso dos tratores – que geralmente funcionam muito mal – é sempre uma questão política: será lavrado por quem, quando e com que frequência, ainda a tempo, antes ou só depois da época do plantio. Quem decide sobre isso são a liderança política e a eficiência funcional – no geral diminuta – dos tratores. Nestes programas agrícolas, sempre se distribuem sementes híbridas, principalmente de milho, fazendo com que hoje em dia quase não existam mais as sementes tradicionais. O milho branco, a planta sagrada dos Paĩ-Tavyterã, não existe mais nesta região em sua forma pura .

Somente algumas pessoas mais idosas ainda tentam praticar a lavoura tradicional. Com este método de cultivo se colocavam em prática os princípios fundamentais da agricultura biológica moderna, especialmente do modelo agro florestal. No Sul do Mato Grosso do Sul, diferentemente do Paraguai, que possui uma população formada de pequenos lavradores<sup>33</sup>, é predominante a agricultura mecanizada com monoculturas cultivadas em grandes superfícies. Devido a isso, para os guarani do Brasil a noção de agricultura está agora impregnada por esse modelo. Mesmo que as dimensões de suas plantações não cheguem nem perto da daqueles grandes fazendeiros, procuram fazer algo parecido em formato pequeno através da monocultura e da mecanização. Como consequência é preciso comprar e usar adubos e inseticidas e com isso aumentam as doenças e as pragas. Este tipo de agricultura não é adequado e nem sustentável e só é possível mantê-lo funcionando através da ajuda da Funai, governos municipal e estadual, que, em geral, não se esforçam para oferecer outra alternativa.

---

<sup>33</sup> De acordo com nossas pesquisas, no MS existe um único agricultor orgânico.

A agricultura deixou de ser o fator econômico mais importante também por outros motivos. Existem poucos mercados locais, o que torna difícil a comercialização do excedente. Em muitas comunidades não existem mais solos propícios para o cultivo em quantidade suficiente para todos e existe um desinteresse dos jovens pela lavoura. A fonte de renda existente mais importante é a "*changa*", trabalho assalariado temporário. No início da colonização por brasileiros, este tipo de trabalho consistia no desmatamento promovido pelos latifundiários, depois no desflorestamento da "Mata Grande"<sup>34</sup> e, desde há alguns anos, no trabalho executado nas distantes plantações de cana-de-açúcar.

A *changa* ficou completamente consolidada nas plantações de cana-de-açúcar e com os grupos de trabalho, a maioria organizados pelo *capitão*<sup>35</sup> ou algum de seus parentes próximos. Os trabalhadores são levados, de ônibus, até as plantações onde permanecem por um período de mais ou menos 2 meses. Todos os custos da estadia são bancados por eles mesmos: alojamento, energia, alimentação e o pagamento do organizador do grupo. Mesmo se esforçando muito em poupar, sobra-lhes no máximo um mês de salário<sup>36</sup>. Somente aqueles trabalhadores mais maduros e que têm uma consideração muito grande pela família é que usam esta renda para comprar produtos alimentícios e outras mercadorias necessárias. Na maioria dos casos uma boa parte do salário é usado para a aquisição de bens de consumo de prestígio, que são oferecidos nas próprias lojas da plantação por um preço elevado e outra grande parte do dinheiro é gasto na compra de bebidas alcoólicas.

Apesar da *changa* ser normalmente interpretada de maneira negativa por organizações governamentais e não governamentais que acompanham os guarani, ou no melhor dos casos, como um mal necessário, ela parece, contudo, satisfazer algumas de suas necessidades, embora a um preço alto. A compra de certos produtos, que geralmente possuem uma durabilidade muito curta, expressa uma necessidade muito forte de aquisição de prestígio. Também nesse contexto as alternativas tradicionais que tinham para adquirir o prestígio já não existem: nem como guerreiro valente ou caçador hábil, nem como bom contador

---

<sup>34</sup> 'Mato Grosso', o mato grande, que deu o nome ao Estado.

<sup>35</sup> O intermediário entre o empregador e o grupo de trabalho é chamado de "*gato*", recebe das duas partes e ganha até dez vezes mais que um trabalhador comum.

<sup>36</sup> No início de 2002 este valor correspondia a mais ou menos R\$ 150,00 ou um pouco mais de 50,00 U\$.

de histórias e recitador de mitos e nem com a aptidão para a fabricação de artefatos de uso como arco e flecha, cestos, coadores, etc. Com nada disso eles conseguem se destacar. Só restou a política. Pode-se ainda conseguir um pouco de prestígio como professor e como técnico sanitário, em última instância, porém, cargos que geralmente se obtém através da política. Esta falta de possibilidades para adquirir prestígio é compensada, de maneira precária, pela compra de roupas da moda, de rádios, os quais algumas vezes depois de 14 dias terminam na lata de lixo no fundo da casa, e de outras mercadorias efêmeras. Os guarani valorizam os bens de consumo principalmente por seu caráter de prestígio e não tanto por seu valor de uso.

Com relação aos jovens solteiros, outro fator pode ser acrescentado. Tradicionalmente os guarani costumavam ter muita mobilidade, principalmente rapazes e moças. iam visitar as festas de outras aldeias ou passavam uns tempos vivendo na casa dos parentes para conhecer coisas novas. Era comum que os jovens passassem uma temporada na casa de um "especialista" ou de algum parente com alguma habilidade especial para uma espécie de aprendizagem formal, assim aprendiam a mover-se no mundo e podiam demonstrar orgulho por alguma capacidade adquirida. Ainda que esta liberdade de movimento continue existindo, hoje em dia existe uma grande diferença: os guarani não se movimentam mais no seu próprio território, na sua própria terra<sup>37</sup>, mas sim nas dos ocupantes. Para eles esta área é considerada de certa maneira uma "terra inimiga" onde entram após terem deixado o pedacinho de terra da sua comunidade. A discriminação contra os indígenas sempre é muito presente e perceptível. Esta discriminação se manifesta de "formas moderadas" como, por exemplo, na frase: "não tenho nada contra os índios, mas eles precisam ter noção do seu próprio lugar", e até em maneiras de falar que expressam desconfiança e repugnância. Os guarani são chamados de "*Bugres*"<sup>38</sup>, termo que significa "selvagem" com conotação evidentemente negativa. Mover-se num mundo como este não é agradável. Não obstante é sempre muito tentador, pois existe uma incrível variedade de objetos e mercadorias que, apesar de na maioria dos casos não serem passíveis de compra, podem pelo menos ser olhados e apreciados.

---

<sup>37</sup> Em guarani: **tetã**.

<sup>38</sup> **Bugre**, s. m. (*Bras*) *Índio selvagem, bravo; ... indivíduo selvagem, grosseiro; indivíduo pérfido, desconfiado*. Ferreira, A. 1961: 197.

A *changa* nas plantações de cana-de-açúcar possibilita uma experiência no "mundo de fora" e ao mesmo tempo proporciona aos jovens do grupo de trabalho um certo aconchego, uma sensação de pertencer a um tipo de "associação masculina" dos guarani, já que os acampamentos dos indígenas estão separados dos outros trabalhadores brasileiros. A maneira espetacular como os jovens costumam comemorar o regresso à sua comunidade depois de uma ausência de dois meses, nos permite supor a extensão da "aventura" destas viagens de trabalho. De longe já se ouve o estalido dos foguetes e os cumprimentos ruidosos de saudação do reencontro. A embriaguez dos jovens corresponde ao caráter festivo, mas com certeza também deve servir, em parte, para encobrir os temores que sentem: Será que agora vai ser aceito como um homem completo? Como será o reencontro com os que ficaram para trás? Esta sensação de intranqüilidade não se manifesta somente nos mais jovens, entre as pessoas mais maduras também a longa ausência dos maridos por causa da *changa* é um peso muito grande. Quantos e quantos casamentos se desfazem quando o pai de família gasta tudo que ganhou com bebida. A expectativa em relação aos mais jovens é menor – só se espera que tenham trazido um ou outro objeto de prestígio e bebida alcoólica.

Pode-se mencionar dois outros itens de importância decisiva para a economia atual dos guarani. Os dois estão relacionados se considerados em suas categorias culturais e representam para eles "áreas modernas de coleta". Dentro do sistema brasileiro são: a aposentadoria mínima para os idosos e a chamada "*cesta básica*", um pacote de alimentos básicos que consiste em arroz, feijão, farinha, macarrão, sal e óleo. A cesta básica é distribuída em vários estados brasileiros para famílias que vivem em condições de extrema pobreza, principalmente na área rural. Desde que esta medida estatal foi implementada, quase não ocorre mais morte por inanição no Brasil, registrando-se, no entanto, casos de subnutrição.

Uma família grande na qual os avós recebem uma aposentadoria, os homens adultos trabalham umas três vezes por ano nas plantações de cana-de-açúcar, que consta na lista de distribuição da cesta básica da Funai e que planta mandioca em alguma roça, tem plenas condições de nutrir-se. Mas é freqüente que tais condições já não ocorram mais, seja porque se rompeu a união familiar, seja porque a família se mudou ou por outros motivos perdeu o acesso à cesta básica, seja porque não tem área de cultivo disponível, porque o trator não

chegou, por causa de alguma doença, etc. Além do mais, estes dois itens da economia dos guarani estão correndo perigo. O trabalho nas plantações de cana-de-açúcar está sendo cada vez mais mecanizado e como nas áreas de ocupação dos guarani quase não existe a necessidade de mão-de-obra, isto significa o desemprego quase total e há rumores de que o programa da cesta básica do Governo possa ser suspenso.

## **6. A procura de orientação**

Não se pode negar que são admiráveis os esforços empreendidos pelos guarani em organizar a sua vida social e econômica e a persistência com a qual lutam pelos direitos legítimos de legalização de suas terras, tendo em vista as suas difíceis condições de vida. Contudo, tanto para os próprios guarani, como para os órgãos responsáveis e as instituições e organizações de acompanhamento, não foi possível até o momento, desenvolver perspectivas que fossem além da mera luta pela sobrevivência. Nas reflexões sobre possíveis perspectivas que vem a seguir procura-se distinguir, de maneira simplificada, duas áreas de problemas e de atuações: a organização interna das comunidades e o movimento de legalização de terras.

### 6.1. Busca de orientação nas comunidades

Em todas as áreas de vida dos guaranis os seus esforços para encontrar uma orientação e solução para os problemas vão para duas direções opostas. Por um lado é importante procurar manter as formas culturais e tentar orientar-se nestes valores e aplicar e revitalizar mecanismos sociais e políticos tradicionais. Por outro lado, se empenham muito para adotar e aplicar novas regras provenientes da sociedade envolvente. Mas como já se tentou demonstrar por meio de alguns exemplos, por causa das profundas transformações, as regras antigas em muitos casos não podem mais ser aplicadas com êxito. As novas regras, por sua vez, muitas vezes não são suficientemente compreendidas e aceitas e freqüentemente estão em contradição com as estruturas tradicionais.

Um exemplo: a contradição existente entre a democracia de consenso tradicional dos guarani – na qual um problema costumava ser discutido na comunidade até que fosse encontrado um denominador comum aceitável para todos os membros da comunidade – e a "nova" forma de democracia de votação, na qual somente a maioria pode decidir. Pelo menos nas oito áreas

indígenas antigas a democracia de consenso não é mais praticável por causa da já mencionada composição heterogênea da população e o crescimento populacional comparativamente alto. As votações então se tornaram a prática nos últimos anos e, cada vez mais, fazem parte do repertório dos dirigentes políticos jovens. Muitas vezes a aplicação das novas formas provocam ainda mais rupturas nas estruturas sociais das comunidades, pois a minoria vencida pela maioria reage normalmente às resoluções tomadas agindo conforme o velho esquema de valores: se sentem como pessoas não suficientemente ouvidas, nem consideradas, nem respeitadas. As reações são desde a oposição furiosa até a recusa em participar dos eventos da comunidade. As ações e as reações sociais contraditórias e as situações de tensão daí decorrentes, em diversas variações, fazem parte do cotidiano nas comunidades.

Como já foi mencionado, surgiram para o capitão exigências e tarefas completamente novas, especialmente nas áreas da economia e política externa. Apesar disto continua existindo, formalmente, a expectativa de que cumpra as necessidades de organização interna. Resolver conflitos, restabelecer o equilíbrio e fazer justiça, no estilo "*face to face*", como era comum nas pequenas comunidades tradicionais, baseado em relações de parentesco, hoje em dia tornou-se praticamente impossível, principalmente nas oito reservas antigas. Para isso é necessário desenvolver nas comunidades novas instâncias de organização social e, com isto, novas estruturas de poder. Um empreendimento extremamente difícil no sistema político dos guarani, que se baseia numa luta contínua para controlar a estrutura de poder e para manter a autonomia das famílias extensas.

O **mburuvicha** tinha tradicionalmente dois ajudantes à sua disposição, que eram os seus órgãos executores: os **yvyra'ija** (guardião do bastão ritual). Com a mudança do **mburuvicha** para "capitão", estes ajudantes acabaram se transformando nos "sargentos" e, mais recentemente, em "polícias". Geralmente sua autoridade só é aceita no âmbito da sua família extensa e quase não conseguem intervir como autoridade reguladora nos casos de violência em outros grupos familiares. Antigamente estavam muito próximos do líder político, hoje as pessoas que estão mais perto dele, são incumbidas com outras posições: "chefe de posto" da Funai e "*gato*" – o agenciador bem pago, intermediário entre o empregador e os trabalhadores (indígenas), ambas funções dotadas de grande poder político-econômico.

Tradicionalmente o **mburuvicha** tinha um roça maior do que a dos outros integrantes da comunidade, pois tinha obrigação de realizar a distribuição, precisava dar de comer aos visitantes e amparar aos necessitados em seu grupo. Hoje o "capitão" costuma ser o homem mais rico da aldeia<sup>39</sup>, que distribui bens de consumo e privilégios para sua família e com isto acumula cada vez mais poder, enquanto os que não são parentes padecem na penúria.

Tradicionalmente existia um ativo jogo de alternância entre o **mburuvicha** e sua comunidade. Por um lado se esperava um exercício de poder que correspondesse aos interesses e às necessidades da comunidade; por outro lado a comunidade estava constantemente atenta para que seu poder não crescesse demasiadamente, a fim de que cada indivíduo não perdesse seu espaço de liberdade, e que não houvesse acumulação de poder e desequilíbrio. Este jogo político é exercido exaustivamente e com muita dedicação pelos guarani. A partir da ocupação de seus territórios pelos brasileiros, se produziram inúmeras intervenções externas nas estruturas políticas das comunidades. Funai, órgãos públicos, partidos políticos, missões, instituições religiosas, projetos e, faz algum tempo, também os empregadores das plantações de cana-de-açúcar atuam de maneiras diversas sobre os "capitães" das comunidades, acima de tudo nas **Aty Guasu**, grandes assembléias dos guarani<sup>40</sup>. Hoje, um capitão pode ganhar tanto poder com o apoio vindo de fora que a comunidade não consegue mais controlá-lo, e se torna dependente dele ou algumas vezes, como expressão de seu descontentamento, abdicam de participar da vida comunitária. As lutas pelo poder, a rejeição e a insatisfação afetam a vida em vários **tekoha**, fortalecendo a espiral da violência. Em palavras mais simples: quanto mais desregulada a situação numa comunidade, mais aumentam as incidências de violência interna e suicídios.

As formas guarani de organização e auto-gestão são pouco conhecidas, até mesmo pelos antropólogos, se comparadas com as produções de conhecimento existentes sobre sua religião e visão de mundo<sup>41</sup>. Existe um

<sup>39</sup> Claro que esta "riqueza" deve ser entendida de maneira relativa e chega no máximo ao nível da renda da classe média baixa do Brasil.

<sup>40</sup> Assembléias que reúnem *capitães* de todas as comunidades e pessoas interessadas em política, geralmente professores e promotores de saúde. Como as assembléias se realizam em uma das comunidades, o transporte e a alimentação é pago geralmente pela instituição que desejaria lançar um tema para discussão. A participação de mulheres é mínima, diferentemente do que acontece nas atividades políticas na comunidade, nas quais as mulheres participam de forma mais decisiva.

<sup>41</sup> Veja também: Schmundt, 1998. Os melhores conhecedores da organização política dos guarani: Celso Aoki no Brasil e Beate Lehner no Paraguai, ambos ainda não têm seus conhecimentos publicados.

desconhecimento, por parte dos atores das intervenções políticas ou pedagógicas, sobre os efeitos de suas atividades na sociedade guarani, principalmente naquelas atividades que servem de profissionalização dos dirigentes políticos. Isto se dá porque raramente se verificam como os conteúdos dos conhecimentos transmitidos em conversas informais ou nos cursos formais são efetivamente absorvidos e interpretados pelos guarani. Eles de sua parte traduzem o que escutam da "lógica do branco" na sua própria lógica e muitas vezes chegam a interpretações muito distanciadas daquelas que se pretende transmitir-lhes. O conhecimento do idioma guarani<sup>42</sup> e do seu sistema de valores seria uma condição prévia muito importante para a compreensão dos seus processos de tradução cultural.

Como já foi mencionado, as distintas missões representaram um papel importante na história mais recente dos guarani. As missões tradicionais refletem, em graus variados, as suas atividades e procuram evitar as conseqüências negativas que seu proselitismo provocou na cultura dos indígenas. Mas de uns 10 anos para cá, existe um grande número de missões novas atuando junto aos guarani, ligadas principalmente a igrejas evangélicas estáticas, como por exemplo, os movimentos pentecostais. As "antigas" missões eram importantes para os guarani, sobretudo como força econômica e eles renunciaram, como era exigido, ao consumo de tabaco, de chicha e de bebidas alcoólicas, assim como às suas festas e rezas em troca da ajuda econômica e dos serviços de saúde prestados pela missão. Parece que muitos guarani não eram suficientemente conscientes de que a renúncia, mesmo parcial, da sua prática religiosa – ainda que a relação ativa de um indivíduo com a missão tenha raramente durado mais que vinte anos – ia criar uma dinâmica própria e ia levar a perda parcial dos mecanismos reguladores sociais e religiosos assim como dos conhecimentos tradicionais.

Parece que as relações entre os guarani e as novas missões são motivadas predominantemente pela insegurança e pela desorientação interior de alguns indivíduos. O movimento pentecostal, por sua forte ênfase na vida religiosa comunitária, pela forma de expressar a sua emocionalidade, nova para os guarani, e por seu estrito código de valores, veio de encontro ao sentimento

---

<sup>42</sup> O idioma guarani é falado por mais ou menos 100.000 pessoas em três dialetos aparentados. O guarani é também a segunda língua oficial do Paraguai, tem material escrito, algumas gramáticas e dicionários muito bons. No Paraguai também são oferecidos cursos de língua guarani.

dos guarani de deficiência de orientação e de ausência de apoio pelo grupo tradicional. É comum ouvir nas conversas dos guarani que pertencem a alguma destas seitas cristãs que estas lhes possibilitam ter o controle sobre o consumo de álcool. Outros vêm nisto uma alternativa para a perda cada vez maior das próprias práticas curativas e finalmente outros encontraram nos novos códigos morais rígidos a estabilidade necessária para suas relações. Mas o preço destas soluções momentâneas também é alto: mais fragmentações na comunidade, mais rupturas nas relações de parentesco, o aprofundamento da sensação de que os próprios mecanismos normativos já não são suficientemente fortes e efetivos e o conseqüente enfraquecimento do sentimento de auto-estima cultural.

Por ocasião de um evento oficial, um líder político da FOIRN<sup>43</sup>, uma organização indígena da região do Amazonas, disse: "os salesianos acabaram com a metade de nossa cultura, mas também nos ensinaram o necessário para podermos proteger a outra metade". Esta afirmação, válida para muitos povos indígenas que durante décadas tiveram suas crianças forçadas a freqüentar as aulas no internato central da missão, onde não podiam falar sua língua materna, não vale para os guarani. Houve uma interferência enorme no seu sistema de valores e no seu mundo, mas as crianças não chegaram a ser submetidas a uma deseducação de sua visão de mundo indígena, de sua lógica inerente e de seu sistema de valores para serem empurradas ao pensamento ocidental cristão, como aconteceu freqüentemente em diversas escolas de missionários. Nas primeiras décadas do contato o ensino nas comunidades foi em geral deficitário e realizado por professores praticamente sem formação ou de baixo nível. Por outro lado, isso não provocou transformações profundas na visão de mundo das crianças e na sua lógica interior.

O mundo dos guarani sofreu e continua sofrendo transformações através das interferências externas e, no entanto, as estruturas fundamentais de seu sistema indígena estão, em parte, mais presentes, ativas e válidas que em outros povos indígenas, que ainda vivem em seu ecossistema relativamente intacto, mas que tiveram que experimentar décadas de educação missionária. A imagem que se tem dos guarani e suas circunstâncias atuais de vida não correspondem à nenhuma idéia romântica sobre "ser índio". Não obstante eles

---

<sup>43</sup> Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro

ainda seguem se orientando, fortemente, na sua identidade tradicional. Esta contradição entre sua aparência e sua orientação interior quase não é levada em consideração. Uma mostra muito concreta da vivacidade de seu sistema tradicional é o fato de que poucos homens falam bem o português e a maioria das mulheres continuam não querendo aprender a "língua dos brancos"<sup>44</sup>. Esta é a sua forma de resistência aos "ocupantes" e de rejeição à cultura e aos valores dos brancos.

Este forte elemento de perseverança na sociedade dos guarani é um fator que contribui para seu poder de resistência, mas que também tem como conseqüência que as violações ocorridas no seu sistema, algumas das quais mostradas aqui, sejam sentidas de forma muito profunda e tenham implicações muito sérias, já que não lhes foi oferecido de maneira ativa um outro sistema como alternativa. O potencial para auto-regulação, pelo menos em unidades sociais pequenas, está cunhado pela autoconsciência cultural dos guarani e em princípio ainda existe em grande proporção. Tendo em vista a evidente falta de apoio que os guarani recebem, a capacidade de auto-gestão é quase a única força com a qual podem contar para construir um futuro mais digno.

Faz alguns anos que a formação de professores indígenas melhorou. Encarregados de saúde pública também estão sendo formados como auxiliares de assistência médica local. Fora estas, não existe outra oferta de formação profissional para os guarani. Aqueles poucos que conseguem absorver, por exemplo, um curso agrícola e regressam novamente a sua comunidade, não têm nenhuma chance nem no mercado de trabalho brasileiro nem na aldeia. Nenhum indígena é contratado na região, a não ser como auxiliar de serviços gerais, pois o preconceito racista com relação a eles continua forte. O que os jovens aprendem não é bem-aceito nas comunidades, pois não é ensinado de uma maneira aplicável. Os processos para elaborar, a partir dos conhecimentos tradicionais e dos impulsos vindos de fora, alternativas adaptadas, não ocorrem no setor da agricultura, apesar de que, como já foi dito, o problema de assegurar a autonomia alimentar seja de suma importância. Tem-se que admitir que estes processos são complexos e morosos.

Nas últimas duas décadas, a população de pequenos agricultores da América Latina, independentemente da sua área de ocupação, vem

---

<sup>44</sup> Muitas mulheres, principalmente as mais velhas dizem diretamente em suas conversas: "ndáikuaaséi

desenvolvendo modelos de uma agricultura ecológica que provê uma base econômica sólida, a maioria deles acompanhados de consultoria externa. Nas Terras Baixas estes modelos são ainda mais importantes como alternativas ao sistema de rotação por coivara, que agora já não é mais possível. O modelo agro-florestal possibilita uma utilização contínua do solo dentro de pequenos espaços, sem equipamentos técnicos dispendiosos – em todo caso, sem tratores – e com rendimentos de primeira qualidade. No Paraguai agrícola, este modelo começa a impor-se devagar, mas quase não é conhecido no Brasil, um país altamente mecanizado, onde ainda não existe nenhuma tentativa de levar aos guarani no MS os modelos de agricultura ecológica que poderiam ser vinculados diretamente a sua forma tradicional de agricultura<sup>45</sup>. Estas práticas poderiam ainda conter os fogos devastadores nas aldeias e contribuir para proporcionar novos desafios estimuladores e outras possibilidades de adquirir prestígio a uma boa parte dos jovens, melhorando assim, sensivelmente, sua qualidade de vida.

## 6.2. O movimento pela legalização de terras

Assim como existem posições e opiniões diferentes das pessoas que trabalham com os guarani, a respeito de vários assuntos, no entanto, existe um ponto no qual todos coincidem: no tema da "territorialidade". A busca dos guaranis por seu espaço de ocupação representa o elemento central de sua cultura. Esta busca, da qual se pode seguir os rastros até a época pré-colonial, tem sido uma procura muito concreta e profundamente espiritual da "terra sem mal"<sup>46</sup>. Vários movimentos deste tipo, muitas vezes desesperados, foram documentados nas épocas históricas<sup>47</sup>.

O movimento moderno pela legalização de terras dos guarani teve sua origem no início dos anos (19)70, na parte leste do Paraguai como um movimento de caráter religioso. Com o apoio dado pelos projetos das organizações de cooperação internacional<sup>48</sup> e por pessoas locais comprometidas, se efetuaram as primeiras demarcações e depois de alguns anos foi elaborada a forma jurídica para garantir os direitos tradicionais de

---

**karai ñe'ẽ** – não quero saber nem conhecer a língua dos brancos."

<sup>45</sup> O projeto EAG apóia uma família Ava-Guarani em experimentos de combate biológico do capim africano e estão nos primeiros passos do desenvolvimento de um modelo agro-florestal, que também inclui a proteção contra incêndios.

<sup>46</sup> Grünberg, 1995.

<sup>47</sup> Nimuendaju, 1914, Schaden, 1974.

<sup>48</sup> Grünberg, 1989, Meliá & Grünberg F. e G. 1976.

legalização de terras pelo menos parcialmente, também como lei federal. Este movimento se ampliou do Paraguai para a Argentina e para o Brasil.

Embora a legalização das terras indígenas tenha sido fixada na Constituição Brasileira de 1988, sua implementação concreta no MS realizou-se aos "trancos e barrancos" e está quase parada desde meados dos anos (19)90. A Funai, como reação à epidemia de suicídios, colocou no seu programa de 1996, a melhoria da situação dos guarani no MS como prioridade máxima. A meta proposta era identificar<sup>49</sup> e demarcar anualmente três áreas para os guarani. Nos seis anos que se passaram desde então, foram concluídas apenas as identificações de duas comunidades. Não se tem em vista, por enquanto, a conclusão dos trabalhos de identificação de outras quatro áreas e nenhuma área sequer chegou a ser demarcada.

Uma parte da população da comunidade de **Potrero Guasu**<sup>50</sup>, identificada em 1997, conseguiu obter a concessão de uma área provisória de 200 ha, depois que no dia 13 de janeiro de 2000, os fazendeiros organizaram uma emboscada, invadiram e atearam fogo em todas as suas 23 casas, com todos os utensílios domésticos, roupas, as sementes armazenadas, etc. Nesta ocasião três mulheres foram violentadas e uma criança foi atingida na boca por disparo de arma de fogo. De fato, nestes seis anos, os guarani só conseguiram ocupar uns 200 ha., e isto só foi viabilizado como reação à violência praticada pelos fazendeiros. Um número desproporcional no contexto brasileiro, no qual vários povos indígenas tem boa parte de seu território extenso demarcado e estão sendo constantemente acompanhados por várias instituições e ONG's nacionais e internacionais.

Nesta situação dramática, os guarani começaram a adotar nos últimos anos, apoiados por assessorias externas, as estratégias do movimento brasileiro dos sem-terra que, devido a uma situação jurídica completamente diferente, pretendem impor politicamente a reforma agrária através da ocupação de terras. Isto levou muitos grupos guarani que decidiram retomar suas áreas de assentamento, a abandonar a reserva em que moravam há décadas e a utilizar a dura estratégia das "*retomadas*"<sup>51</sup>. Na prática isto significa o seguinte:

---

<sup>49</sup> A *identificação* é o primeiro passo para o restabelecimento da legalização tradicional de terras, no qual é definida, por um "grupo técnico", qual é a área, da reivindicação do grupo indígena. A isso segue um processo muito longo de concessão. O passo seguinte é o demarcação desta área.

<sup>50</sup> Foram identificados cerca de 4.000 ha.

<sup>51</sup> "retomada" significa a "recuperação" de uma parte de sua área tradicional de assentamento.

tentativas repetidas de ocupação das *fazendas* daqueles proprietários que possuem o título de propriedade de parte dos territórios indígenas tradicionais, confrontações geralmente muito agressivas com o pessoal dos fazendeiros e com a polícia, desalojamentos e – caso consigam se estabelecer em alguma parte da fazenda - morar em toldos de plástico preto, alimentando-se precariamente, exclusivamente das cestas básicas e sofrendo ameaças constantes de expulsão com violência.

Durante a nossa permanência nas comunidades com a finalidade de transmitir informações sobre os direitos indígenas e sobre as etapas formais necessárias para a legalização das áreas reivindicadas<sup>52</sup>, procuramos entender também o movimento das "retomadas". Chegamos à conclusão de que os guarani entenderam as informações recebidas nos cursos do CIMI/MS para a profissionalização dos líderes políticos da seguinte maneira: que com uma carta de petição endereçada à Funai e com as "retomadas" como instrumento de pressão política, suas reivindicações legítimas seriam reconhecidas num prazo curto. Eles nos esclareceram que o CIMI/MS<sup>53</sup> assegurou-lhes o fornecimento de cesta de alimentos durante um semestre, o que os ajudaria a se manter dentro da área reivindicada. Por sua vez, os fazendeiros atingidos também lhes forneceriam gêneros alimentícios para se sustentar por alguns meses tão logo eles abandonassem novamente a área ocupada. O movimento de legalização de terras parecia estar quase chegando a ponto de se corromper em negociações feitas à base de gêneros alimentícios, até que em março de 2001, na terceira tentativa de uma "retomada" feita pelo grupo de **Ka'ajari**, um guarani jovem foi baleado. O fazendeiro sabia com antecedência da ação planejada e recepcionou o grupo com uma delegação armada. Todos os tiros foram dados para passar sobre as cabeças dos índios, fora um, que atingiu o coração de um jovem, um "alerta" bastante claro emitido pelo fazendeiro.

Uma boa parte destes grupos não pôde mais voltar para sua "antiga aldeia", pois a sua mudança foi acompanhada de conflitos intensos e agora já faz alguns anos que estão vivendo na comunidade de Limão Verde – outra vez sob lonas pretas ou, mais recentemente, amarelas. Alimentam-se da cesta

---

<sup>52</sup> O trabalho principal do projeto EAG está na transmissão de informações sobre os direitos indígenas baseado na Constituição, sobre os passos que levam à ocupação legal das comunidades identificadas e sobre as instituições brasileiras mais importantes (Funai, Procuradoria, Judiciário) e como lidar com elas. Está em vias de preparação um texto sobre estas informações num português adaptado aos guarani, assim como uma tradução lingüística e cultural destas informações no guarani.

básica, não têm possibilidades de fazer roça e estão em conflito com a população local pela disputa de lenha e outros recursos básicos. Os latifundiários do MS aprenderam algo desta experiência. Agora estão melhor organizados e informados sobre suas chances legais e respondem imediatamente, à qualquer tentativa de retomada, com uma notificação judicial de despejo.

Parece que não há soluções em vista para as dificuldades dos guarani, que estão aumentando dramaticamente e para a sua situação que está piorando continuamente. As assessorias inadequadas e não profissionais tornam sua situação mais difícil. Atos caritativos isolados podem lhes dar a sensação de estar recebendo atenção, mas ainda não existe na região nenhuma medida reconhecidamente eficaz para melhorar estruturalmente suas condições de vida.

Apesar de todas as críticas fundamentadas que se queira fazer a algumas ações locais, sem dúvida que a responsabilidade principal da miséria dos guarani está nas mãos do Estado. Certamente o problema da legalização de terras indígenas no MS é de resolução mais complicada do que, por exemplo, na região do Amazonas. Para muitas áreas desta região não se chegou a conceder títulos de propriedade para particulares. Os preços das terras nesta região são bem mais baratos que no MS, que é de mais fácil acesso além de contar com infraestrutura básica. Além disso, nas áreas tradicionais de ocupação dos guarani existe grandes extensões de solos muito férteis. Sob tais circunstâncias os grandes proprietários de terra do MS puderam acumular muito mais poder político que aqueles do Amazonas.

Por outro lado, a região do Amazonas atrai a atenção internacional. A importância desta região para o clima mundial é conhecida e o empenho para conservar sua grande diversidade biológica é de interesse de muitas pessoas do mundo ocidental. Doações financeiras, recursos de cooperação, o apoio de ONG's e de governos do mundo ocidental garantem a constante atenção internacional. A sua população indígena não é apoiada somente por causa de seus direitos legítimos, mas sobretudo porque é considerada também como uma garantia para a sustentabilidade deste ecossistema. Tanto devido às circunstâncias tão díspares destas duas regiões brasileiras, como também por causa da forte pressão internacional em benefício da região amazônica, as

---

<sup>53</sup> CIMI/MS – Conselho Indigenista Missionário, Escritório Regional do Mato Grosso do Sul.

chances de fazer valer os direitos de legalização das terras indígenas é extremamente desigual.

Justamente por isto é de importância vital que o Estado cumpra com sua responsabilidade com base em uma decisão política clara, mesmo que não corresponda aos interesses e ao poder dos grandes proprietários e sem à pressão do *lobby* florestal internacional, por intermédio de uma Funai eficiente, que possa assegurar aos guarani as terras as quais tem direito. Não só para satisfazer as suas aspirações legítimas mas também porque precisam de espaços suficientes para que comunidades numericamente pequenas possam se reorganizar, condição indispensável para frear o rápido processo de pauperização social e cultural dos guaranis. Na maioria das catorze novas áreas demarcadas entre 1989 e 1996 – apesar das muitas dificuldades – tem-se mostrado que o potencial dos guaranis para a auto-regularização conduziu a uma melhoria evidente de sua qualidade de vida, em comparação com a das reservas antigas, e a uma diminuição dos suicídios e dos atos de violência.

Mesmo sendo muito desejável o acompanhamento dos guarani por profissionais qualificados, na busca de soluções para suas dificuldades, é preciso partir das experiências existentes até agora, com consciência de que provavelmente quase nada disto pode ser realizado ou se puder só o será em proporções muito modestas. Das poucas pessoas com a competência necessária e com conhecimento sobre a cultura dos guarani, a maior parte optou por uma carreira acadêmica e muito poucas para a prática – reconhecidamente desgastante. A capacidade de auto-regulação dos guarani continua existindo e representa portanto a força regional existente mais importante para viabilizar as mudanças positivas. Cada grupo que almeja efetivá-las, necessita como uma base mínima a legalização rápida de seus direitos de terra garantidas na Constituição, assim como um apoio efetivo do Estado para a ocupação efetiva das áreas identificadas e demarcadas.

## OBRIGADO

- aos Paĩ-Tavyterã / Kaiowá e aos Ava-Guarani por sua hospitalidade generosa e disponibilidade para conversar;
- aos meus colegas de trabalho no projeto EAG: Celso Shitoshi Aoki, Marta Maria Azevedo e aos consultores Beate Lehner e Paulo Pepe da Silva pela cooperação paciente e pela troca riquíssima de experiências;
- aos meus amigos e colegas de trabalho na Europa pelo apoio e conversas: Volker von Bremen, Angela Kemper, Elisabeth Moder, Marion Steiner, Hannes Stromberger, Thomas Lackner, Maria Ruckenstuhl, Fritz Balatka, Georg Grünberg;
- pela supervisão e pelas reiteradas leituras de correção: Emilie Krausneker, pela correção do texto em português Deise Lucy Montardo;
- aos meus queridos Fritz, Agnes e Wolfgang por seu apoio, principalmente quando a situação dos guarani, outra vez mais, me afetava demais.

## ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO

- ALMEIDA, Rubem Thomaz de: O Caso Guarani: o que dizem os vivos sobre os que se matam?  
Em: Povos Indígenas no Brasil 1991/5 – Instituto Socioambiental. São Paulo 1996
- ALMEIDA, Rubem Thomaz de & GRÜNBERG, Friedl: Reflexões sobre nossas reações frente  
aos suicídios dos Guarani. Rio de Janeiro, MS 1996
- AZEVEDO, Marta Maria: O Suicídio entre os Guarani Kaiowá. Terra Indígena nº 58:6-28, 1991
- BRAND, Antônio: Los Guaranies en tiempos de suicidio. In: Acción nº 168:31-33, Asunción 1996  
"O bom mesmo é ficar sem capitão": o problema da "administração" das reservas  
indígenas Kaiowá/Guarani, MS In: Tellus 1 nº 1:67-88, Campo Grande 2001
- BRAND, Antônio & VIETTA, Katya: Análise gráfica das ocorrências de suicídios entre os  
Kaiowá/Guarani, no Mato Grosso do Sul, entre 1981 e 2000. In: Tellus 1 nº 1:119-131,  
Campo Grande 2001
- CIMI-MS : Por que os Guarani e Kaiowá se suicidam? Campo Grande 1997
- COUTINHO, Walter Jr.: Suicídios Indígena no Mato Grosso do Sul. Funai MS, Brasília 1995
- FERREIRA, Aurelio Buarque de Hollanda: Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.  
10.<sup>a</sup> Edição, Rio de Janeiro 1961
- GRÜNBERG, Friedl: Der Prozeß der Paĩ-Tavyterã von 1972 – 1988. IIZ Reihe 'zum Thema'.  
Wien 1989  
Estudio sobre el proceso de los Paĩ-Tavyterã de 1972 a 1988. Servicios Profesionales  
Socio-Antropológicos y Juridicos, Asunción 1989  
Auf der Suche nach dem Land ohne Übel. Die Welt der Guarani-Indianer Südamerikas.  
Peter Hammer Verlag. Wuppertal 1995  
Erläuterungen zur Sozio-Ökologie. Wechselwirkungen zwischen sozialen, kulturellen,  
ökonomischen und ökologischen Aspekten. MS 1997  
Auswirkungen von Landvertreibungen und ökologischer Destruktion – Beispiel der Guarani  
im MS, Brasilien. In: Brigitte Fahrenhorst (Hg) Die Rolle der EZA in gewalttätigen  
Konflikten. SID-Berlin-Berichte nº 11: 234-9, Berlin 2000  
Voraussetzungen und Möglichkeiten für Schritte zur kulturellen Autonomie (kritische  
Betrachtungen zur Arbeit mit indigenen Völkern). Em: Die Rechte indianischer Völker in  
Verfassung und Wirklichkeit. Protokoll 20/2000:100-5, Bad Boll 2000  
Theorie und Praxis der indianischen Naturbeziehung. In: Margarete Maurer & Otmar Hoell (Hg):  
Natur als Politikum. RLI-Verlag, Wien 2003  
Reflexionen über die Lebenssituation der Guarani im Mato Grosso do Sul, Brasilien. In: INDIANA  
Berlin 2003
- GRÜNBERG, Georg: Por que os Guarani Kaiowá estão se matando? Tempo e Presença, ano  
13, nº 258:32-37, 1991
- LEHNER, Beate: Territorialidad Guarani. MS, Asunción 2002
- LEVCOVITZ, Sergio: **Kandire**. O Paraíso Terreal – O suicídio entre índios guaranis do Brasil. Rio  
de Janeiro 1998

- MELIA, Bartomeu: Son los Guaranies potencialmente suicidas?: Em: Acción nº 144: 30-33, Asunción 1994  
Suicidio Guarani. Em: Acción nº 154:30-33, Asunción 1995
- MELIA, Bartomeu, GRÜNBERG Friedl & Georg: Los Paĩ-Tavyterã. Etnografía guaraní del Paraguay contemporáneo. Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica. Asunción del Paraguay 1976
- NIMUENDAJU, Curt Unkel: Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guarani. Em: Zeitschrift f. Ethnologie, Heft 2 u. 3, Berlin 1914:284-403  
As Lendas da Criação e Destruição do Mundo como Fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani. São Paulo 1987
- SCHADEN, Egon: Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani. São Paulo 1974
- SCHLIPPE, Arist von & SCHWEITZER, Jochen: Lehrbuch der systemischen Therapie und Beratung. Göttingen 1997
- SCHMUNDT, Manuela: Zwischen Tradition und Anpassung – Zum Führungssystem der Paĩ-Tavyterã in Ostparaguay am Beispiel der Gemeinden **Tajy** und **Itaypavusu**. Magisterarbeit Univ. Freiburg i.Br. 1995
- WICKER, Hans Rudolf: **Taruju** – die göttliche Krankheit, welche zum Suizid führt, Bern 1996 MS  
**Taruju** – Enfermedad de los dioses que lleva al suicidio. Anotaciones provisionarias para la comprensión de los suicidios entre los Paĩ-Tavyterã (Guaraní) del Noreste del Paraguay. Suplemento Antropológico, Asunción 1997 Vol. 32/1-2:273-315